

A DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO E A CONSOLIDAÇÃO DA CIDADE GLOBAL

META

Apresentar os fatos que fizeram com que surgisse a divisão internacional do trabalho, com suas características e fases.

Descrever o processo que levou a divisão territorial do trabalho no mundo, mediante a consolidação da globalização, processo que está relacionado com a urbanização.

Disponibilizar os conceitos de taylorismo, fordismo e toyotismo, e como estes sistemas de produção industrial, interferiram no mercado do automobilismo mundial, nas cidades e conseqüentemente, em sua mão-de-obra.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- analisar o processo de surgimento da divisão internacional do trabalho;
- identificar como a divisão internacional do trabalho, fez surgir a divisão territorial do trabalho;
- exemplificar como ocorreu a evolução do modo de produção capitalista para sua fase superior, denominada de monopolista e/ou imperialista;
- reconhecer os grandes blocos econômicos e como eles controlam o mundo.

PRÉ-REQUISITOS

reconhecer as características do modo de produção capitalista monopolista em sua fase inicial.

identificar as grandes mudanças pelas quais o capitalismo passou, até chegar a uma sociedade internacional globalizada.

caracterizar as cidades globais e sua influência nas populações mundiais.

entender como é o mundo multipolar e suas novas implicações nas regiões e cidades periféricas.



(Fonte: <http://browg.blogspot.com>).

INTRODUÇÃO

Meus alunos,

Nesta sétima aula, vamos estudar os fatores que fizeram o capitalismo monopolista consolidar a divisão internacional do trabalho. Na aula anterior, estudamos como o capitalismo industrial se tornou monopolista. Agora vamos analisar o processo de aprofundamento deste monopólio, desde o final do século XIX até o final do século XX. Neste período, o mundo vivenciou duas grandes guerras mundiais, depois se tornou bipolar, após a Revolução Russa (1917).

Depois da Segunda Guerra Mundial (1945), o mundo sofreu com a guerra fria e a crise no Leste europeu (1989). Com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S.), o mundo passou a ser multipolar, ou seja, as nações hegemônicas começaram a negociar mundialmente pela Internet e o mercado mundial de capitais passou a ocorrer de maneira instantânea e contínua, tornando a terra uma “Aldeia Global”.

Também faremos uma análise geral do sistema capitalista até os dias atuais, com a formação dos grandes blocos econômicos e as inovações nas comunicações e nos transportes no mundo. Todos esses acontecimentos históricos definiram uma nova divisão internacional e territorial do trabalho. O aprofundamento do capitalismo financeiro está relacionado à necessidade que o próprio sistema tem de resolver suas crises, recriando novas formas de exploração sobre as nações periféricas mundiais, e, conseqüentemente, sobre as populações aí residentes.



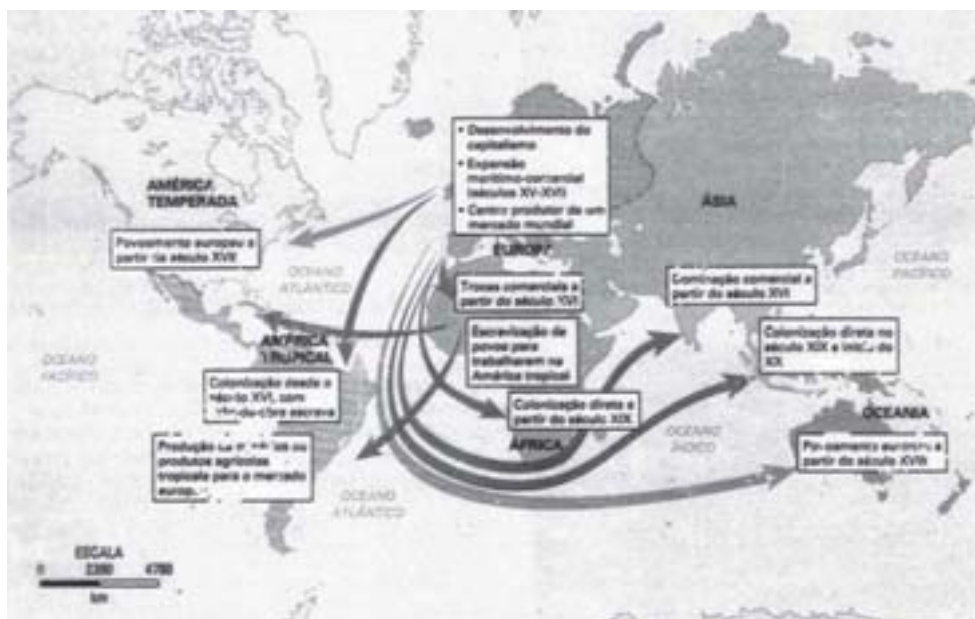
No sentido horário: tropas do COMMGWELTH no deserto; civil chinês sendo enterrado vivo por soldados japoneses forças soviéticas durante um inverno ofensivo; avião de carga japonês preparando-se para decolar; tropas soviéticas combatendo em berlim; um submarino alemão sob ataque (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

A DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO

Para iniciarmos esta aula, vamos fazer um retrospecto de como ocorreu a primeira divisão internacional do trabalho. Vamos relatar o processo de estruturação por que passou o mundo em relação ao desenvolvimento diferenciado e combinado das técnicas de produção e do crescimento das cidades metropolitanas, conhecidas como cidades globais (IANNI, 1996).

Vamos utilizar como base desta aula os estudos da organização territorial iniciados na Idade Moderna, pois foi a partir deste período que se definiu a primeira divisão internacional do trabalho; o processo de colonização realizado pelas nações que tinham o poder econômico e político na época, como Portugal, Espanha, Inglaterra, depois Alemanha e França determinou que as colônias deveriam continuar dependentes desses países e com isto permaneceriam “presas” às exigências e determinações, tanto no plano econômico e político, quanto no aspecto social e cultural das nações imperialistas.

A EXPANSÃO DO CAPITALISMO A PARTIR DA EUROPA: A DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO



(Fonte: Atlas + Machado. 1998).

Conforme o Mapa nº 2, sobre a expansão do capitalismo mundial, notamos que na Idade Moderna foi sendo configurada a 1ª Divisão Internacional do Trabalho, depois do processo de colonização realizado pelos países europeus. A partir de vários acontecimentos passados, tais como o povoamento europeu na América do Norte, a colonização por exploração da América do Sul, a expansão marítimo-comercial, as trocas comerciais

entre a Europa, a América, África e Ásia e o neo-colonialismo, a partir do séc. XVIII, na Ásia, África e Oceania, foram sendo definidas as qualificações específicas e diferenciadas da mão-de-obra entre os países ricos (antes metrópoles européias) e os países pobres (antes colônias).

Após vários séculos de exploração e conquistas territoriais, as nações dominadoras estabeleceram vários pactos entre elas para perpetuar a dependência desses países, ex-colônias, para que continuassem a ser territórios fornecedores de matérias-primas e mão-de-obra barata. Neste sentido as colônias e posteriormente os países subdesenvolvidos foram definidos como regiões que existiam exclusivamente para exportação de mão-de-obra barata e matéria-prima. Com isto, foram sendo estabelecidos dois grandes territórios no mapa-mundi. O dos países ricos e o outro, dos países pobres; os primeiros tinham o direito de se desenvolver e sua população deveria se qualificar cada vez mais. No segundo grupo, estavam os países dependentes que viviam de empréstimos e das determinações feitas por nações ricas.

As populações dos países ricos tinham o direito de se qualificar e se aperfeiçoar a cada dia. Dentro desse contexto, os países desenvolvidos deveriam permanecer em um processo de desenvolvimento em que a sua população estivesse sempre se qualificando e as cidades e seus territórios se estruturando, seguindo as inovações tecnológicas, tornando-os mais bem estruturados.

As nações desenvolvidas continuariam em pleno desenvolvimento, ou seja, consumidoras de matérias-primas e de mão-de-obra barata e desqualificada, como centro da produção tecnológica mundial. Por outro lado, as ex-colônias dos séculos XVI e XVII continuariam fornecendo matéria-prima e mão-de-obra. Com o processo de desenvolvimento técnico e com as novas descobertas ocorridas nos países europeus, pós-Revolução Industrial (século XVIII), aprofundou-se ainda mais a diferença na qualificação da mão-de-obra das ex-colônias, se compararmos com a dos países europeus, de Primeiro Mundo, cuja qualificação da mão-de-obra sempre esteve bem à frente da observada naqueles países pobres. Assim, foi estabelecida uma nova divisão, tanto na qualificação da mão-de-obra, quanto na estruturação tecnológica e urbana entre os países ricos e pobres. A divisão internacional do trabalho determinou uma separação entre o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido, desde a Idade Moderna.

Na Idade Contemporânea, com a Revolução Industrial e suas descobertas que favoreceram toda a humanidade, novas formas de separar os países ricos dos pobres foram sendo adequadas às situações do momento. Embora o mundo passasse por melhorias nas condições de moradia, alimentação, indumentária(vestimenta) e novos medicamentos, antibióticos, por exemplo, continuava o aprofundamento das diferenças entre regiões pobres e ricas, com o desenvolvimento diferenciado das forças produtivas e o agravamento das relações sociais de produção.

Após o final do século XIX, o mundo passou por várias transformações no campo científico, tecnológico e econômico, conforme expomos na aula anterior, que fizeram o capitalismo industrial deixar de ser concorrencial, existindo a livre concorrência entre as nações, para ser monopolista e imperialista. O sistema ficou mais articulado e as nações desenvolvidas passaram a determinar os rumos das nações subdesenvolvidas. No início do modo de produção capitalista, o sistema econômico era comercial e existia um comércio “livre” entre as nações. Depois passou para um sistema manufatureiro, em que o comércio passou a ser controlado pelas corporações de ofício e a produção começou a ser controlada (o que produzir, para quem produzir, quanto e quando produzir). Com o capitalismo monopolista, a livre concorrência foi extinta e o comércio mundial passou para uma fase mais articulada. Antes (nos séculos XVI, XVII e XVIII) existia um comércio mundial, mas com uma livre concorrência. Hoje, após o final do século XIX, “a concorrência transforma-se em monopólio” (LENIN, 1979, P.25) e, durante todo o século XX, o comércio se alastrou mais ainda, com mais rapidez e complexidade pelo mundo inteiro, tornando-se monopolizado e totalmente controlado pelas grandes empresas mundiais e pelos blocos hegemônicos. Para exemplificar esta questão, da passagem do capitalismo industrial para o capitalismo imperialista, descreveremos os principais fatos da história dos monopólios descritos por Lênin:

1. Anos de 1860-1880: ponto culminante do desenvolvimento da livre concorrência. Os monopólios não são mais do que embriões dificilmente perceptíveis; 2) Após a crise de 1873: período de grande desenvolvimento dos cartéis; no entanto, eles ainda aparecem apenas a título excepcional. Carecem ainda de estabilidade. Têm ainda um caráter transitório; 3) Expansão do fim do século XIX e a crise de 1900-1903: os cartéis tornaram-se uma das bases de toda a vida econômica: O capitalismo se transformou em imperialismo. (Idem, p.22).(Grifo nosso).

Como foi descrito, o capitalismo monopolista criou várias maneiras para resolver as crises cíclicas por que estava passando. As crises econômicas ocorridas em 1900, a ocorrência da Primeira Guerra Mundial (1914), a Revolução Russa (1917), a quebra da bolsa de valores de 1929, a crise decorrente da Segunda Grande Guerra Mundial (entre 1939/45), interferiram nos lucros de algumas potências mundiais e consolidaram o poder econômico de outras, como foi o caso dos Estados Unidos da América.

Se observarmos a causa da crise, é uma só: a propriedade privada dos meios de produção, como foi descrito por Thomas Gounet (1992, p.10-11),

..., o capitalismo cria, então, as condições objetivas para sua ruína. Submerge o mundo em uma crise econômica da qual ele não sai. As contradições que engendra e provocam a crise econômica só

Aspiral Devorador de Ciclo Crescente

Foi criado pelo autor (Anselmo Belém Machado) para tentar demonstrar como é que os países desenvolvidos comandado pelos Estados Unidos vão rapidamente e de maneira crescente aumentando a exploração sobre os países pobres, de forma radial, em todos os lados e aspectos, quer seja econômico, político, cultural, etc. (conforme a ilustração ao lado). Assim os países pobres vão sendo 'devorados' à medida que são obrigados a se submeterem às determinações do capitalismo imperialista. Portanto os países pobres são como os escravos da antiguidade. Esta exploração é crescente e sem trégua, basta observar as diferenças na paisagem urbana e nas condições econômicas e sociais em que vivem as populações que habitam a periferia urbana em comparação com as que vivem nos bairros mais privilegiados.

podem ser resolvidas com a supressão de sua causa fundamental, a saber, a propriedade privada das empresas e do capital. É ela, de fato, que está na raiz da busca encarniçada do lucro dos capitalistas, portanto, da acumulação. É ela, de fato, que obriga os trabalhadores a vender sua força de trabalho aos empresários, em troca de um salário que representa apenas uma parcela do valor produzido por esses trabalhadores. Em outros termos, é a propriedade privada que leva à exploração dos operários.

Em busca do lucro desenfreado, os grupos de capitalistas comandado pelos Estados Unidos, aprofundam cada vez mais a exploração dos trabalhadores dos países pobres, ampliando-a em um '**Aspiral Devorador de Ciclo Crescente**' (ADCC), (MACHADO, 2009) até que este processo se rompe, surge nova crise e os imperialistas recriam novas formas de dominação.



(Fonte: BELÉM, Naelson; Artista plástico e Cartunista. 2009).

O FORDISMO

Logo, o grupo que é constituído pelas nações monopolistas, sofreu vários prejuízos que fizeram com que fosse necessária uma reestruturação da produção mundial. Entre as várias tentativas para manter a produtividade, podemos citar os exemplos dos americanos James Taylor e Henry Ford, que criaram modelos de controle de produtividade nas indústrias americanas, no final do século XIX. As idéias de Taylor (acrescentar resumo de suas teses) defendiam um controle das atividades dos funcionários nas fábricas, cada vez mais, visando a disciplinar o controle da produtividade. Henry Ford (com o fordismo) tenta aumentar mais ainda a produtividade, aplicando em suas fábricas várias mudanças, tais como: aumento de salário, criação de incentivos para quem produzisse mais, combate aos desperdícios, diminuição dos custos de produção, parcelamento das tarefas, padronização das peças dos automóveis e, mais tarde, criação da **linha de produção**, fazendo diminuir o tempo e o custo para a fabricação de um automóvel, como podemos constatar a seguir.

Os resultados dessas transformações são, no mínimo, prodigiosos. A antiga organização da produção precisava de 12:30 horas para montar um veículo. Com o taylorismo, ou seja, apenas com o parcelamento das tarefas, a racionalização das operações sucessivas e a estandarização dos componentes, o tempo cai para 5:50 horas. Em seguida, graças ao treinamento, para 2:38 horas. Em janeiro de 1914, Ford introduz as primeiras linhas automatizadas. O veículo é produzido em 1:30 hora, ou seja, pouco mais de oito vezes mais rápido que no esquema artesanal usado pelos concorrentes. (GOUNET, 1992, p.19-20) (Grifo nosso).

Esse método de aumento da produção fez as fábricas de automóveis modelo T da Ford, de Henry Ford, aumentar estupidamente de produção, desbancando os concorrentes e tornando-o um milionário. Como consequência, centenas de concorrentes fecham suas portas e as demais que conseguiram se manter tiveram que se adaptar ao novo modo de produção automobilística: O fordismo. Assim, Henry Ford estabeleceu um padrão de produção que foi seguido em todo o mundo.

Em 1945, após o fim da 2ª guerra mundial, o Japão, que perdeu a guerra, tentou sair da crise econômica, passando por uma reestruturação econômica geral, onde pudesse criar estratégias para superar as crises em todos os setores da economia. Entre as estratégias, o Japão procurou também resolver a crise no mercado automobilístico. Para isto, aprofundou o investimento no setor automobilístico e convocou os engenheiros e mecânicos para se adequarem ao modelo fordista. Então o Japão copiou as técnicas do fordismo e foi além disto. Organizou os seus engenheiros para entenderem o modelo fordista, mas se enquadrando na realidade japonesa; assim criou novas técnicas de produção, controle dos estoques e das vendas.

O TOYOTISMO

Vocês já leram um pouco sobre o fordismo. Há uma outra especialização do controle de produtividade, chamada de toyotismo, como uma maneira de organizar o trabalho de forma progressiva, entre 1950 e 1970; segundo Thomas Gounet, surge o toyotismo criado por Taiichi Ohno, (sendo implantada entre 1950 e 1970 na Toyota) que deu origem à expressão tempo justo (“just-in-time”), pois procurou realizar a produção num tempo exato, buscando produzir somente o que o mercado solicitasse. Ou seja, procurava não fazer estoque, mas sim produzir à medida que iam sendo vendidos os automóveis. Além disto, foi estabelecida uma qualificação da mão-de-obra trabalhadora, pois um operário controlava várias máquinas, diferentemente do modelo, fordista, americano onde um funcionário controlava apenas uma máquina.

Assim rompe-se a relação um homem/uma máquina. Na Toyota, desde 1955, um trabalhador opera em média cinco máquinas. Enquanto quatro delas funcionam automaticamente, ele carrega, descarrega, prepara a quinta. Se há duas máquinas para operar ao mesmo tempo, ele chama um colega. Isso tem duas consequências imediatas: o trabalho não é mais individualizado e racionalizado conforme o taylorismo; é um trabalho de equipe; a relação homem-máquina torna-se a de uma equipe de operários frente a um sistema automatizado; em segundo lugar, o trabalhador deve tornar-se polivalente para operar várias máquinas diferentes em seu trabalho cotidiano, mas também para poder ajudar o colega quando preciso. (Idem, p.27) (Grifo nosso).

O modelo fordista também entra em crise em 1970 e o capitalismo financeiro se aprofunda mais; o sistema busca novas saídas para as crises. Uma delas é a organização de controle de regiões ou grupo de países através de associações ou de mercados reunidos em grupos para se protegerem. Como exemplo podemos citar a Alca, o Mercosul, a União Européia, a OMC, o FMI, o BID, OCDE etc. Todas essas organizações agrupam países, regiões e até continentes, com o objetivo de controlar suas economias e proteger suas fronteiras, mas todos esses órgãos são comandados pelos países ricos.

Fizemos esta análise para exemplificar como o sistema monopolista se comporta e se articula, criando e recriando várias maneiras para se manter e explorar mais ainda a classe trabalhadora. Analisamos a questão do automobilismo, especificamente, apenas como um exemplo do processo de exploração da mão-de-obra trabalhadora neste tipo de indústria, no mundo globalizado. Neste sentido, à medida que as filiais dessas indústrias e fábricas (montadoras) de automóveis vão-se instalando em todas as regiões, os países, tanto os ricos (onde estão as matrizes) quanto os pobres, (onde se instalam as filiais), passam a se articular numa escala

hierárquica cada vez maior. Com o avanço, também, das técnicas de produção, dos meios de transporte e das comunicações (Internet), o mundo passou a ficar mais interligado e a Terra pareceu pequena, chegando até a ser chamada de “aldeia global”. Com a proliferação das filiais das indústrias pelo mundo, não só de automóveis, mas de milhares de outros tipos, o processo de urbanização se expande e a quantidade de cidades com uma vasta rede metropolitana se multiplica.

No final do século XX e início deste século, as cidades passam a ter vários papéis. Antes eram apenas locais de moradia, passando a centro comerciais, depois centro financeiro. Mais tarde algumas se tornaram centros culturais, outras cidades portuárias e até militares. Entretanto, agora a cidade é o lócus do comando da economia mundial, quer seja local, regional, nacional ou mundial. Isto depende do tamanho da cidade, de sua função ou influência.

“São muitos que reconhecem que a cidade global característica do século XX, prenunciando o XXI, tem sido decisivamente influenciada pelos processos que acompanham o desenvolvimento do capitalismo, em escala mundial. “Seja megalópole, megacidade ou cidade mundial, o papel da cidade dominante está crescentemente associado à capacidade econômica nacional e seus vínculos externos, já que a interdependência global torna-se mais e mais realidade no pós-Segunda Guerra Mundial. (IANNI, 1996, p.68)”.

Neste sentido, a metrópole, ao mesmo tempo que concentra os serviços, as várias funções, quer sejam administrativas, culturais, econômicas e militares, expande seus produtos e serviços para outros centros de escalas menores, além de influenciar toda a rede urbana de maneira hierarquizante, como chamei a atenção antes, com o termo ‘aspiral cíclica crescente’.

Como consequência da globalização e do capitalismo imperialista, o mundo passou a se fragmentar, ao mesmo tempo em que o processo de desenvolvimento financeiro e das comunicações mundiais fazia com que as regiões mundiais se tornassem interligadas. Desta contradição, surgem novas fronteiras e outras são criadas. As fronteiras perderam o sentido que tinham na Antiguidade e até na Idade Moderna. Agora a fronteira é múltipla, pois ela existe de acordo com os interesses dos grupos dominantes. Os blocos de países pobres tentam enfraquecer o domínio dos países ricos, como é citado por Manoel Correia:

“Na transição do século XX para o XXI, observa-se uma tendência geral para a globalização do mundo, tendendo os vários países a se integrarem uns aos outros, de uma forma em que o país dominante procure esvaziar a estrutura dos países dominados, fazendo ver que a integração substituíra a dominação”. (ANDRADE, 1996, p.37).

Contudo, esta tentativa é em vão, pois as nações ricas se articulam para perpetuar a dependência dos países pobres, como exposto pelo Consenso de Washington, que, segundo o autor,

“Em novembro de 1989, reuniram-se na capital dos Estados Unidos funcionários do governo norte americano e dos organismos financeiros internacionais ali sediados – FMI, Banco Mundial e BID – especializados em assuntos latino-americanos. O objetivo do encontro, convocado pelo Institute for International Economics, sob o título o “Latin American Adjustment: How Much Hás Happened, era proceder a uma avaliação das reformas econômicas empreendidas nos países da região. Para relatar a experiência de seus países também estiveram presentes diversos economistas latino-americanos. (BATISTA, 1994, p.5)”.

Nessa reunião foram tomadas decisões e foram avaliados os países latino-americanos, mesmo sem as presenças de todos os seus presidentes. Na avaliação deste Consenso, os governantes desses países não tinham condições de governá-los, nem tampouco controlar as suas crises, pois segundo os coordenadores dessa reunião, comandada pelos representantes dos Estados Unidos, a crise na América Latina estava a cada dia aumentando sem controle. Mas a questão é que a crise econômica desses países, como também a de todos os países pobres do mundo, é decorrente do próprio sistema capitalista. Tanto as dívidas externas, quanto o aumento da fome e da pobreza no mundo é decorrente do imperialismo das nações ricas e, portanto, só pode gerar esta situação de miséria em que se encontram as cidades ‘pobres’ em todo o mundo. Além disto, os coordenadores deste Consenso de Washington afirmavam que a crise não tinha sido originada pelos países poderosos, como é descrito pelo autor:

“Tudo se passaria, portanto, como se as classes dirigentes latino-americanas se houvesse dado conta, espontaneamente, de que a gravíssima crise econômica que enfrentavam não tinha raízes externas – a alta dos preços do petróleo, a alta das taxas internacionais de juros, a deterioração dos termos de intercâmbio – e se devia a apenas a fatores internos, às equivocadas políticas nacionalistas que adotavam e às formas autoritárias de governo que praticavam.”Idem, p. 7).

Neste sentido, observamos que, segundo as teses do Consenso de Washington, os problemas econômicos dos países latino-americanos foram gerados por seus governantes. Mas está claro que a situação atual de crise destes países é histórica e tem origem no aprofundamento do monopólio, ou seja, foi e é provocada, de forma intencional, pelos países imperialistas.

Para ilustrar a situação de miséria e fome no mundo, vamos utilizar a exposição de artes feita por Nelson Leirner, em 2003, em São Paulo. Nela o artista demonstra a fome no mundo, utilizando como base o mapa mundi. Com duas figuras do mapa mundi, sendo uma no planisfério físico e a outra no planisfério político, ele demonstrou de maneira figurativa a mi-

séria no mundo e o domínio político. No primeiro mapa, ele expressa como os países do ‘Norte’, desenvolvidos, são representados pelas figuras de bonecos da Wall Disney (Mickey). Nas regiões que representam os países subdesenvolvidos, ele utilizou a figura de crianças desnutridas e esqueléticas e no continente africano, onde a miséria é alarmante, ele utilizou as figuras de caveiras. Na região da Antártida, ele utilizou a figura de papai Noel. No segundo mapa, do planisfério político, demonstrou como o domínio político dos Estados Unidos é mundial, como pode ser percebido pelo planisfério político. Nesta exposição com o tema Ironia e Subversão, o autor foi bastante feliz em resumir e demonstrar, através de cores e figuras e de maneira simples e direta, a diferença gritante que de fato existe entre os países ricos e os países pobres.

Tudo se passaria, portanto, como se as classes dirigentes latino-americanas se houvesse dado conta, espontaneamente, de que a gravíssima crise econômica que enfrentavam não tinha raízes externas – a alta dos preços do petróleo, a alta das taxas internacionais de juros, a deterioração dos termos de intercâmbio – e se devia a apenas a fatores internos, às equivocadas políticas nacionalistas que adotavam e às formas autoritárias de governo que praticavam. (Idem, p. 7).

Neste sentido, observamos que, segundo as teses do Consenso de Washington, os problemas econômicos dos países Latino-americanos, foi gerado pelos seus governantes. Mas está claro que a situação atual de crise destes países é histórica e tem origem no utilizou as figuras de caveiras. Na região da Antártida ele utilizou a figura de papai Noel. No segundo mapa, do planisfério político, ele demonstra como o domínio político dos Estados Unidos é mundial, como pode ser percebido pelo planisfério político. Esta exposição com o tema “Ironia e Subversão”, o autor foi bastante feliz em resumir e demonstrar, através de cores e figuras e de maneira simples e direta a diferença gritante que de fato existe entre os países ricos e os países pobres.



CONCLUSÃO

Nesta aula, analisamos o processo de desenvolvimento do capitalismo em sua fase monopolista. Estudamos como o capitalismo se tornou imperialista, uma vez que este sistema aprofundou a segregação econômica e social nos países pobres. Vimos que ocorreram várias inovações técnicas e descobertas após as chamadas 2ª e 3ª revoluções industriais, com a descoberta da energia elétrica, com o uso do petróleo para asfaltar as estradas, o telefone para se comunicar, o avião a jato que diminuiu o tempo das viagens entre os continentes e, mais recentemente, com as inovações na comunicação, com a Internet. Tudo isto fez a civilização se desenvolver, de forma geral, mas foi também aprofundando a diferença entre países ricos e pobres. Por serem gananciosos, os países ricos enfrentaram várias crises, além de guerras, que extinguiram milhões de homens, mulheres e crianças. Vários países também foram destruídos e nações foram anexadas e recriadas, como consequência deste processo de concentração de poder e controle territorial. Os representantes do sistema imperialista buscaram novas formas de manter o seu poderio econômico e político, mas sempre explorando os países pobres e suas populações.

Entretanto, a crise só vem aumentando e para isto foram criados blocos econômicos, tentando mais uma vez controlar a economia mundial. Assim, dentro deste processo, as indústrias se multiplicaram, o que acarretou uma maior urbanização em várias regiões do mundo. Com isto ocorreu um aumento considerável no número das metrópoles, o que fez surgir uma periferia sem estrutura, nem saneamento básico adequado em todo o mundo. Nos países pobres, esta situação vem se agravando, mesmo com as inovações técnicas. Assim, podemos citar parte de um artigo que escrevi onde descrevo o seguinte:

O processo de estruturação e consolidação das nações hoje hegemônicas foi revelado ao longo dos anos que a evolução da humanidade nas suas diversas áreas sempre esteve nas “mãos” e porque não dizer nas “rédeas” de cada povo, império que estava dominando uma região ou quase todas as regiões numa determinada época, com suas específicas forças produtivas. É sabido que na evolução científica ou tecnológica da humanidade, as relações sociais de produção sempre ocorreram numa velocidade menor que a das forças produtivas. As técnicas de produção e a modernização dos instrumentos de trabalho forçaram a distribuição de renda que não aconteceu nem acontece na mesma rapidez; pelo contrário, hoje ainda constatamos várias atividades profissionais que revelam ainda alguns indícios (e até pior) de escravidão e servidão. Neste contexto, podemos afirmar que a evolução da humanidade reflete os interesses de um grupo ou nação que detém a hegemonia econômica. O capitalismo, como modo de produção dominante hoje (na Idade Contemporânea) tem mostrado a perpetuação e exploração de umas nações sobre as demais, como se fosse uma única forma possível de se conviver na terra. A revolução das ciências e a necessidade, cada dia mais forte, de preservar a natureza e respeitar as necessidades mínimas de sobrevivência e socialização demonstram que o homem ainda não aprendeu a viver em comunhão. O processo de globalização tem revelado esta questão, mas por lado, tem sido utilizado para justificar mais ainda a riqueza de umas nações e a pobreza da grande maioria. (MACHADO, 2002, p. 91)

Assim concluímos esta aula, chamando a atenção para o fato de que o imperialismo se aprofunda em todos os territórios do mundo” e há existência de crises constantes, revelando a necessidade de uma maior distribuição de renda em nível mundial.



RESUMO

A divisão internacional do trabalho foi definida a partir das grandes navegações. A colonização dos territórios coloniais definiu que as colônias e depois os países pobres deveriam ser fornecedores de matéria-prima e de mão-de-obra escrava, inicialmente, e depois mão-de-obra barata e desqualificada. Os países centrais se tornaram consumidores, tanto da mão-de-obra como das riquezas existentes nos países pobres.

Com a transição do capitalismo industrial para o capitalismo monopolista, as nações pobres continuaram fornecendo matéria-prima e mão-de-obra barata, só que no século XX, as grandes indústrias mundiais instalaram as filiais delas nos países pobres. Agora os países pobres forneciam matéria-prima e mão-de-obra barata para as empresas multinacionais, dentro de seus próprios territórios. A qualificação continuou diferenciada, entre os países ricos e pobres, e, além disto, as suas populações passaram a se qualificar um pouco mais, mas sempre abaixo da qualificação da mão-de-obra dos países ricos.

Assim, o que vem ocorrendo é que isto provocou um processo de urbanização descontrolado na periferia das metrópoles, por todo o mundo, acarretando um contingente populacional de desempregados e desqualificados. Com o início do processo de globalização, os territórios, tradicionalmente definidos, tiveram seus limites desfeitos. As regiões mudaram de limites e os limites perderam o sentido, visto que, com o avanço das comunicações e do transporte aéreo, o mundo ficou “menor”, pois os acordos e as transações comerciais tornaram-se bem mais rápidos.

Novas crises surgiram, então foi necessária a organização das nações em blocos, onde pudessem se proteger das crises e controlar melhor seu mercado e território. Desta maneira, tanto a União Européia, quanto o Mercosul, a ALCA e outros grupos tentaram consolidar a economia e se proteger das mudanças do mundo globalizado. No entanto, a questão é que os países ricos continuam com a usura, persistindo com as mesmas atitudes, explorando as nações pobres e suas populações. Esta continuidade de exploração tem fragmentado territórios e criado outros, mas o centro das decisões mundiais e reflexo da sociedade de classes está explícito nas cidades globais. Nestas megalópoles vivem pessoas de todas as raças e culturas, nelas existem as diferentes classes sociais e etnias. O mundo atual é representado pela metrópole. Na metrópole existem limites em todos os lugares; não são visíveis, mas dependendo dos locais aonde se vá, percebemos estas fronteiras pós-modernas. Não são muros de tijolos, mas existem e são mais resistentes que os antigos.

ATIVIDADES

Descrevam as consequências da divisão internacional do trabalho, no plano econômico, no campo social e territorial. Assistam ao filme, “A vida de Henry Ford” e relacionem as transformações que ocorreram nas relações de produção, que fizeram mudar a produção automobilística mundial.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Na página quatro, vocês perceberam a sigla: Aspiral Devoradora de Ciclo Crescente (ADCC), que criei, visando a demonstrar como o sistema imperialista mundial atua de maneira radial, circular em todas as direções com o intuito de aniquilar e neutralizar a autonomia econômica e política dos países pobres.

Como mais um exemplo desta dominação, vocês podem ler de maneira mais detalhada o livro “o Consenso de Washington” de Paulo Nogueira Batista, onde é revelado a visão neoliberal dos problemas latino-americanos.

AUTO-AVALIAÇÃO

Depois de ter estudado esta aula, sou capaz de compreender os conceitos nela desenvolvidos?

Assimilei com clareza o que é a divisão internacional do trabalho? Entendi o que é o capitalismo monopolista ?



REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manoel Correia de – **Globalização e geografia**, Recife: UFPE. 1996.
- BATISTA, Paulo Nogueira, **O Consenso de Washington: A visão Neo-Liberal dos problemas latino-americanos**, 3 ed. São Paulo: 1994.
- GOUNET, Thomas - **Fordismo e Toyotismo na civilização do automóvel**, São Paulo: Boitempo Editorial, 1992.
- IANNI, Octávio - **A Era do Globalismo** - 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1996.
- LENIN, Vladin Irlich – **Imperialismo; fase superior do capitalismo**, São Paulo: Global. 1979.
- MACHADO, Anselmo Belém - **Breves tendências territoriais do capitalismo contemporâneo**. In: Geoufs, revista DGE/UFS. Vol. 01, no. 01. São Cristóvão: 2002.